

O documentário como construção de uma narrativa coletiva sobre o espaço urbano

The documentary as construction of a collective narrative about the urban space

El documental como construcción de una narrativa colectiva sobre el espacio urbano

LOPES, Ariza

Graduanda, FAENG/UFMS, ariza.lopes@hotmail.com

ALVES, Gilfranco

Doutor, Prof. Adj. FAENG/UFMS, gilfranco.alves@ufms.br

TRUJILLO, Juliana Couto

Mestre, Profa. Adj. FAENG/UFMS, juliana.trujillo@ufms.br

RESUMO

A pesquisa aborda o documentário como um meio de captar as diversas narrativas presentes numa comunidade e suas relações com os espaços urbanos públicos, permitindo que a população possa se reconhecer como coletivo e como cidadã. Escolhemos como recorte o caso do centro de Campo Grande/MS, e em especial, a Rua 14 de Julho, que atualmente está em obras para implantar o projeto *Reviva Campo Grande*. A partir da revisão bibliográfica, da exploração da captura de imagem e sons coletiva e edição, a pesquisa teve como objetivo produzir um documentário com a finalidade de dar voz aos principais atores envolvidos no processo de intervenção urbana.

PALAVRAS-CHAVES: *Documentário, Participação cidadã, Intervenção urbana, Espaço público.*

ABSTRACT

The research approaches the documentary as a way to capture many narratives present in a community and its relations with public urban spaces, allowing the population to recognize itself as a collective and as a citizen. We chose how to cut the case of the center of Campo Grande / MS, and in particular, 14 de Julio Street, which is currently under construction to implement the Reviva Campo Grande project. From the bibliographic review, exploration of image capture and collective sounds and editing, the research aimed to produce a documentary with the purpose of giving voice to the main actors involved in the urban intervention process.

KEY WORDS: *Documentary, Citizen participation, Urban intervention, Public Space.*

RESUMEN

La investigación aborda el documental como un medio de captar las diversas narrativas presentes en una comunidad y sus relaciones con los espacios urbanos públicos, permitiendo que la población pueda reconocerse como colectiva y como ciudadana. Hemos elegido como recorte el caso del centro de Campo Grande / MS, y en especial, la Calle 14 de Julio, que actualmente está en obras para implantar el proyecto Reviva Campo Grande. A



partir de la revisión bibliográfica, de la exploración de la captura de imagen y sonidos colectiva y edición, la investigación tuvo como objetivo producir un documental con la finalidad de dar voz a los principales actores involucrados en el proceso de intervención urbana.

PALABRAS CLAVE: Documental, Participación ciudadana, Intervención urbana, Espacio público.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte de um contexto de pesquisas e ações realizadas no ambiente do **algo+ritmo** (<https://www.facebook.com/AlgoRitmo.ufms/>), grupo de pesquisa do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMS, e conecta-se com a pesquisa de doutorado da Professora Juliana Trujillo, realizada no IAU-USP, junto ao grupo **Nomads.USP** (<http://www.nomads.usp.br/site/>).

Inicialmente é preciso apontar que o artigo tem origem na pesquisa “*O audiovisual como construção da consciência coletiva no ambiente urbano*”, financiada pelo CNPQ, realizada pela acadêmica Ariza Lopes e orientada pelo Professor Dr. Gilfranco Alves, da UFMS. Como objetivos, a pesquisa investiga a potencialidade do documentário no mapeamento da realidade das cidades e como construção coletiva das realidades e percepções individuais, e apresenta como produto final o documentário “14”, que pode ser assistido no canal *algoritmo ufms* através do link: <https://www.youtube.com/channel/UCmcatPq1XUcYfDc7rmsWfsA>.

Centralidades e multifuncionalidades

Uma característica em comum entre as áreas centrais das cidades é que se configuram como espaço da coexistência das diferenças, espaço compartilhado entre indivíduos de cultura, modo de vida e classe social distintos e que, por consequência, têm histórias e narrativas próprias que são contadas a partir da experiência de cada um. É o lugar onde há um fluxo intenso de pessoas e que usufruem dessa área de variadas formas, seja para trabalhar, morar, fazer compras, e passear, dentre outras atividades. Há algum tempo os centros urbanos vêm sofrendo um abandono e esvaziamento, um processo de degradação física, social e ambiental. Richard Rogers (1997), embasado no trabalho do cientista político Michael Walzer, classifica o espaço urbano em dois grupos distintos: espaços monofuncionais e multifuncionais. Os espaços monofuncionais, são aqueles que preenchem uma única função, e no caso dos centros, estes passaram a atender quase que exclusivamente interesses comerciais. Já os espaços multifuncionais são pensados para uma variedade de usos e para diversas pessoas, são voltados para a coletividade como a praça, a rua, o parque e o café na calçada. O segundo

tipo propicia a contemplação, o encontro e a interação, enquanto no primeiro, estamos apressados e apenas de passagem. Esse ponto de vista expõe, por exemplo, o motivo pelo qual o centro sofre com a alternância de uso, de dia é um espaço bastante frequentado e esvaziado durante a noite.

Ainda em Rogers (1997 p.10), observamos que o planejamento das cidades e de seus centros urbanos visa atingir os padrões de uma demanda particular, voltada em grande parte à valorização da terra e ao mercado imobiliário, fazendo com que o espaço monofuncional se coloque de forma prioritária em relação ao multifuncional.

Para Villaça (2001, p. 237), “o centro é centro porque ali estão o grande comércio e as sedes das grandes instituições”. Esse ambiente da cidade é como um ponto focal que visa suprir as mais diversas necessidades, materiais ou imateriais de seus usuários. Deve-se lembrar que além de ser o local com concentração de comércios e importantes instituições, é o local onde eventos sociais e atitudes da sociedade são realizadas e concretizadas, geralmente desde a fundação das cidades. Como é possível observar nas cidades brasileiras em geral, a centralidade tem em sua lógica de organização: o consumo.

O declínio dos centros urbanos se inicia quando a organização da cidade começa a torná-lo um lugar ultrapassado e não mais um conjunto simbólico, de trocas e de poder. Esse declínio, para Villaça (2001) e Maricato (2001), é diretamente ligado a implantação dos *shoppings centers* em áreas distantes do centro:

Os *shoppings* vêm apresentando, entretanto, uma participação significativa no prosseguimento do esvaziamento dos centros principais de nossas metrópoles, embora o declínio desses centros tenha se iniciado antes da vulgarização dos shoppings. Como os centros principais tradicionais atraíam clientela de alta renda e os shoppings também, os últimos têm contribuído mais para o prosseguimento do esvaziamento dos centros principais do que dos subcentros (VILLAÇA 2001, p. 308).

Para Maricato (2001, p. 139) “a cada nova grande avenida imobiliária, cada novo grande *shopping center*, corresponde algum declínio de negócios tradicionais”. A lógica da mudança de áreas comerciais, institucionais e de serviços para outras regiões da cidade com índices urbanísticos menos restritivos permitem explorar o terreno de forma mais lucrativa. Essa mesma lógica também se refletiu na habitação da área central. Os centros urbanos antes ocupados pela elite, sofre um esvaziamento intenso e, pouco a pouco vai se transformando numa área degradada.

O retorno do interesse na área central é possível ser observado pelo grande número de intervenções urbanas executadas em escala mundial, como por exemplo no Rio de Janeiro junto à Gamboa e ao porto antigo ou em Madrid na Gran Via. Essas operações vão desde a modificação da mobilidade

urbana como, por exemplo, a criação de novas áreas destinadas aos pedestres, ciclovias, aumento da qualidade e quantidade do transporte público e articulações modais, como também alterações no aspecto ambiental e sociabilidade urbana. Implantar áreas verdes e arborização mais adequada ao lugar, recuperar recursos hídricos poluídos, implementar novos mobiliários urbanos, mais flexíveis, que permitem uma variedade de usos, são estratégias projetuais em comum encontradas em vários desses projetos urbanos.

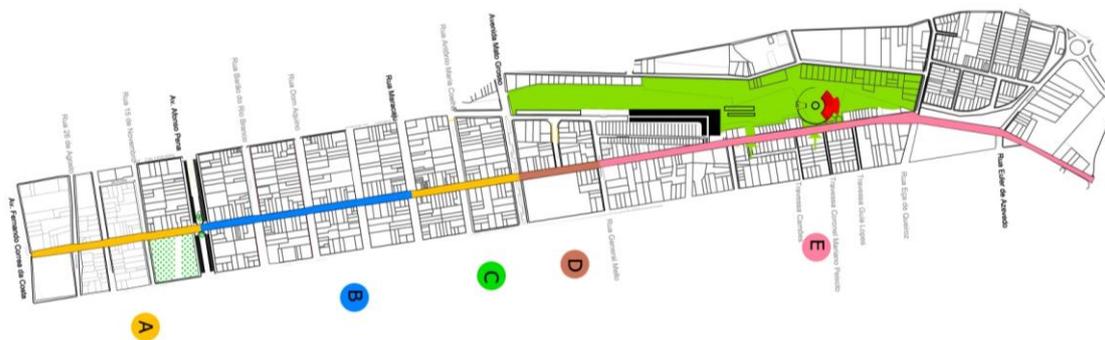
O caso do centro de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul não é diferente. A área sofre com a ausência de ocupação nos horários não comerciais e tende a ser um espaço de quase uma única função. O setor comercial e de serviços prevalecem ao setor residencial ou usos que incentivem a frequência do centro em horários alternativos. Para além dessa questão de uso, outros problemas também existem em função do abandono desta área. A capital sul-mato-grossense, em algumas gestões governamentais, foi objeto de “requalificações”, mas que pouco alteraram as dinâmicas da área central. Neste artigo, temos como objeto de estudo o *Reviva Campo Grande* (<https://bit.ly/31o0bdv>), um projeto de revitalização para a área central, especificamente da Rua 14 de Julho, que atualmente encontra-se em fase de execução.

Os planos para a área central de Campo Grande

A Rua 14 de Julho é um espaço público consolidado, e tem importante função tanto em relação ao sistema viário, mas, principalmente, por ser um espaço simbólico e de memória. A cidade teve um início espontâneo e, em 1909, a Rua 14 de Julho já aparece no primeiro Plano de Alinhamento de Ruas e Praças. Em 1920, “o lugar onde a rua conserva um perímetro melhor definido pela fachada das edificações é a Rua 14 de Julho, em particular, na área comercial e que se torna, a partir desse período, a principal via da cidade” (WEINGARTNER, 2008, p. 42). Nos primeiros anos da década de 1920 (Figura 1), a chegada da ferrovia impulsionou o crescimento da cidade e a Rua 14 de Julho, em meio a área comercial, outros equipamentos foram sendo implantados, entre eles a Praça Ary Coelho, cinemas, clube, instituição educacional e o caráter da rua se alterou, passando a ser o lugar urbano para a prática do lazer. Na década de 1930 é implantado relógio no cruzamento da Rua 14 de Julho e Avenida Afonso Pena, um marco urbano que reforçava a importância desse lugar para a cidade.

Em 2010, a prefeitura contrata o escritório *Organura* para fazer o Plano Local para as Zonas de Interesse Cultural do Centro de Campo Grande. O plano indicou seis grandes estratégias, cada uma delas detalhadas separadamente, para se chegar ao cenário de requalificação urbana de toda a área central, a saber: revitalização econômica; proteção do patrimônio histórico e cultural; valorização do espaço público; animação cultural e gestão urbana e ambiental. O plano definia o percurso de circuitos culturais, revitalização do Mercado Municipal, das praças e edifícios tombados pelo município. Este plano também tinha como finalidade desenvolver o projeto piloto para a Rua 14 de Julho.

Figura 3: Indicação dos trechos da Rua 14 de Julho.



Fonte: ORGANURA, 2010.

O projeto piloto identificou cinco trechos da Rua 14 de Julho com características distintas (Figura 3), conseqüentemente, para cada um deles, um desenho específico. Seguindo a lógica do projeto de Jaime Lerner, configurou-se um projeto dedicado aos pedestres, ainda que a proposta não previa o fechamento da rua para o fluxo viário, o desenho das alças divergentes mostrou esta prioridade (Figura 4).

Figura 4: Esquema de alças divergentes.



Fonte: ORGANURA, 2010.

Hoje, está em vigor o plano do projeto *Reviva Campo Grande*, incluindo a requalificação da Rua 14 de Julho. O plano tem como objetivos: “fomentar a diversificação de usos; qualificar os espaços públicos para a fruição da população; possibilitar a extensão do horário de funcionamento do comércio; ampliar o número de usuários; aumentar a valorização imobiliária e a arrecadação municipal.” (PMCG, 2018, p.15).

Posteriormente, o escritório *Conceitos Inteligentes em Arquitetura* foi contratado para desenvolver o projeto executivo da Rua 14 de Julho, entre a Avenida Fernando Corrêa da Costa e a Avenida Mato Grosso, compreendendo aproximadamente 1,5 quilômetros. O projeto apresenta medidas moderadoras de tráfego, rede elétrica subterrânea, calçadas mais largas, iluminação pública com LED, arborização, câmeras de segurança e novo mobiliário urbano (Figura 5), e é financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Figura 5: Perspectivas do projeto *Reviva Campo Grande*



Fonte: PMCG, 2018.

O recorte da área central, objeto da leitura urbana através do audiovisual proposta neste artigo foi definido por três critérios: o primeiro pelo centro ser a área mais antiga da cidade e, portanto, tem um valor simbólico e significativo para a população; segundo por estar passando pelo processo de implementação do projeto *Reviva Campo Grande*, especificamente a remodelação da Rua 14 de Julho, atualmente em obras e, por último, por entendermos a necessidade da participação da população nos processos de projeto de intervenção urbana.

2 DOCUMENTÁRIO: UMA BREVE REVISÃO

A história do audiovisual começa na França, com os irmãos Louis e Auguste Lumière, os quais foram não só os inventores do cinema em 1895 com a criação do "cinematógrafo", como também os precursores do cinema documentário, filmando diversas cenas da vida familiar e cotidiana. Esses pequenos filmes eram projetados no Salão do Grand Café de Paris e conquistou o público de imediato. (RAMOS; SERAFIM, 2007).

Com o passar dos anos o cinema documentário começa a ganhar importância e por volta de 1920, um dos pioneiros do gênero, foi o norte-americano Robert Flaherty, que produziu, em 1922, *Nanook of the north*, o primeiro filme documentário de longa-metragem com sucesso internacional, considerado como a primeira obra cinematográfica em que é desenvolvido o conceito de antropologia visual.

Essa primeira experiência do documentário envolveu apenas o homem e sua câmera e ele registra a vida de Nanook, um caçador esquimó e sua família na Baía de Hudson, no Canadá. O filme é apresentado com imagens em preto e branco, montadas em sequência, intercaladas com textos. Sem diálogo e com uma trilha sonora que complementa o discurso do cineasta, o filme contribui para o entendimento dos modos de vida do povoado e aproxima o espectador de outra realidade que não a sua.

É a partir do século XX que a cidade começa a ser filmada de forma crucial, muito em função da Segunda Guerra Mundial. Dresden, Berlim, Hiroshima e Nagasaki são exemplos de cidades bombardeadas que foram filmadas após o ocorrido, e por isso temos acesso às imagens documentárias (COMOLLI, 2008, p.68). Assim, o caráter do documentário clássico, mais próximo do que entendemos atualmente começou a ser difundido. Na França, Marcel Griaule e Jean Rouch (1948, 1957, 1961, 1972) foram pioneiros na utilização do filme como método de pesquisa etnográfica, começando a imagem animada a ocupar um espaço importante nos trabalhos etnológicos e antropológicos (RAMOS; SERAFIM, 2007, p.166).

Nos filmes, o pesquisador se torna um participante, pois a câmera está nas mãos do investigador que a movimenta e a toma ativa e participante. Jean Rouch diz que:

Hoje todos os operadores do cinema direto sabem movimentar-se com a câmera que se tornou a "câmera viva", "cinema-olho" de Vertov. No domínio do filme etnográfico, esta técnica é particularmente eficaz, pois permite unir adaptação à ação em função do espaço, permite penetrar na realidade em vez de deixá-la desenrolar-se perante o observador (...) para mim, a única maneira de filmar é de caminhar com câmera, de conduzi-la onde ela é mais eficaz e, de improvisar um outro tipo de "ballet", onde a câmera se tome tão viva quanto os homens que ela filma. (ROUCH, 1979, p. 62-63)

Bill Nichols fala de documentários de representação social em oposição aos de satisfação dos desejos. O primeiro é não-ficção e o segundo, ficção. Ele considera documentário o filme “que representa de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos.” Desta forma, os documentários de representação social (que aqui chamaremos somente de documentário) proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (NICHOLS, 2010, p. 27). Eles nos proporcionam a capacidade de ver conteúdos que necessitam de atenção, questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis.



O documentário como procedimento metodológico

A pesquisa, e conseqüentemente o artigo, utiliza como procedimentos metodológicos, além da revisão bibliográfica e da ação de registro em si a partir da filmagem, processos de análise, edição e publicização do documentário, como forma de retroalimentar a visão apontada pelos agentes envolvidos no processo, e a visão que a própria população tem ou poderá vir a ter do objeto de estudo em questão.

Em seu livro *Introdução ao documentário*, Nichols identifica seis modos de representação que funcionam como subgênero do gênero documentário: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Essas categorias não são fixas, e sim estão ligadas ao modo dominante do documentário.

O modo expositivo defende argumentos e a estética e subjetividade são deixadas de lado. São documentários objetivos e procuram narrar um fato de maneira a manter a continuidade da argumentação. Um dos recursos muito utilizado é o uso conjunto do falado e do mostrado. O modo poético é o contrário do expositivo, evidencia a subjetividade e se preocupa com a estética. Valoriza-se os planos e as impressões do documentarista a respeito do assunto abordado. Também é comum o uso de poemas e trechos de obras literárias. Como exemplo, o filme *Ein Lichtspiel schwarz, weiss, grau* de Laszlo Moholy-Nagy.

O modo observativo é aquele no qual o documentarista busca captar a realidade fielmente como aconteceu, evitando qualquer interferência que caracterize uma realidade falsa. Registram-se os filmes sem que o documentarista e sua equipe sejam notados, por isso, câmera é quase parada, a trilha sonora quase inexistente e não há narração, pois, as cenas devem falar por si só. O modo participativo, como o próprio nome diz, mostra a participação do documentarista e sua equipe, assim todos se tornam ativos no processo de filmagem.

O modo reflexivo, um pouco mais complexo, transmite ao espectador quais foram os procedimentos da filmagem, demonstrando enfaticamente a relação entre o grupo filmado e o documentarista. Nos filmes desse modo, nota-se a reação do grupo pesquisado diante da câmera e do documentarista.

Por fim, o modo performático, que também se caracteriza pela subjetividade e pelo padrão estético adotado, com o uso de técnicas cinematográficas livres. Alguns exemplos são os filmes de vídeo-arte e cinema experimental e de vanguarda.

Compreender essas categorias propostas por Nichols (2010), foi essencial para planejar as etapas de trabalho. Partimos das reflexões decorrentes da pesquisa bibliográfica e filmográfica para definir os procedimentos metodológicos da prática. De forma sucinta, dividimos a ação em quatro etapas: 1. capacitação dos pesquisadores (métodos de captação de som e imagem e edição); 2. experiência de captação coletiva, criação de um repositório de compartilhamento de imagens e sons e edição individual de curtas¹ e discussão; 3. definição da área de trabalho, criação do roteiro, captação e realização de entrevistas; 4. montagem e edição do documentário final; 5. Publicização, divulgação e exibição do documentário.

Em direção à um projeto urbano mais interativo

Em função da implementação do projeto *Reviva Campo Grande* no centro da cidade e todos os conflitos que são gerados pela obra, existe uma diversidade de narrativas que causam um grande debate com posições divergentes, existindo prós e contras, apresentados pela mídia através da televisão, jornais *online* e redes sociais. Além disso, a Rua 14 de Julho tem um fluxo muito grande de pessoas, e a obra de intervenção urbana acaba refletindo diretamente nas atividades da rua.

Entendemos que, num projeto de intervenção urbana em uma área que envolve grande parte da população, e também outros atores sociais como técnicos, comerciantes, gestores, entre outros, deveria se considerar a participação de todos os agentes (governantes, projetistas e população) no processo de projeto.

O uso do audiovisual na produção de narrativas singulares possibilita um processo mais interativo entre os diferentes atores, colocando-os em certa igualdade na hierarquia de falas distintas, e portanto, podem favorecer o engajamento da população na apropriação do espaço, através da compreensão mais aprofundada dos modos de vida, tornando os conflitos e consensos da comunidade mais evidentes.

Do ponto de vista prático, a observação dos fenômenos urbanos através da produção do documentário permitiu uma proximidade com a cidade, além de entender dinâmicas que, por meio de outras metodologias de leitura urbana, poderiam passar despercebidas. Constatamos que o processo de

¹ Todos os curtas produzidos nesta experiência estão disponíveis no canal algoritmo UFMS no youtube <https://www.youtube.com/playlist?list=PLNKUEmYUG9Inqub-fOSkitopxi9UE9UrS>



edição, montagem e repetição das cenas captadas permitiram uma imersão na área observada. Também possibilitou identificar emergências que surgem ao entender a cidade como um sistema complexo, na relação dos discursos e narrativas dos atores envolvidos.

Assim, entendendo o território urbano como *lócus* de conflitos e disputas, o uso do audiovisual como meio de captar as diversas narrativas presentes num fragmento urbano pode auxiliar no processo de comunicação, colocando os variados pontos de vista das pessoas que compõem o conjunto plural do centro da cidade, num mesmo nível, reduzindo hierarquias, e considerando que muitos deles não costumam tomar parte de discursos hegemônicos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem é uma linguagem universal. O filme, que é a imagem em movimento, comunica-se com todas as pessoas, de todas as idades e de qualquer parte do mundo. O audiovisual tem um caráter educador e democrático, que pode abranger a sociedade como um todo.

Nesta pesquisa, ainda que o documentário tenha sido feito depois do projeto de intervenção urbana da rua 14 de Julho estar finalizado, entendemos que se trata um recurso com forte potencial para compreender as dinâmicas urbanas presentes do território e, portanto, fazer parte da etapa de diagnóstico e leitura urbana durante o processo de projeto.

Dentro do escopo da Arquitetura e Urbanismo, os métodos de leituras “tradicionais” como a observação do comportamento do usuário, produção de mapas, registros fotográficos e vídeos, entrevistas, questionários, entre outros, são consolidados e permitem uma ampla compreensão da área de intervenção. Contudo, entendemos que complementar esses métodos com procedimentos vindos de outras áreas do conhecimento, como o uso do documentário, pode contribuir com outras camadas de informações que podem auxiliar no processo de projeto. A transdisciplinaridade é necessária para conseguir abranger a complexidade da cidade contemporânea. Pensar no documentário como método de leitura da cidade é ampliar as possibilidades de entendimento dessa complexidade.

Outro aspecto que a nossa experiência mostrou é que as captações de sons e imagens feitas de forma coletiva, possibilitou um olhar mais amplo perante uma mesma área, enriquecendo a leitura das dinâmicas urbanas. Além disso, o compartilhamento dos documentários através de plataformas *online*,

hoje bastante comuns e com um número grande de espectadores, contribui para o alcance e a transparência do processo de projeto de intervenções urbanas na esfera pública.

4 AGRADECIMENTOS:

Ao CNPQ, ao grupo de pesquisas *algo+ritmo* da UFMS e ao *Nomads.USP*, grupo de pesquisas da USP.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMOLLI, J. L. A cidade filmada. In: *Ver e poder: A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARICATO, E. Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana. São Paulo: Editora Vozes, 2001.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2010.

ORGANURA. *Plano local para as zonas especiais de interesse cultural do centro de Campo Grande*. P4-Versão final. Volume I. Documento técnico. PLANURB, 2010.

PMCG. *Plano de mitigação componente I: revitalização do centro*. Unidade gestora do Programa de desenvolvimento integrado do município de Campo Grande: Viva Campo Grande II. Secretaria Municipal de Infraestrutura e Serviços Públicos, 2018.

RAMOS, N.; SERAFIM, J. F. Cinema documentário, pesquisa e método: desafios para os estudos interdisciplinares. *Revista Contracampo*, n. 17, p. 163-178. Niterói: UFF, 2007. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/358>>. Acesso em: 21 de março de 2018.

ROGERS, R. *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1997.

ROUCH, Jean. La Caméra et les Hommes, *Cahiers de l'Homme, pour une anthropologie visuelle*, p. 53-71, 1979

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

WEINGARTNER, G. S. *A construção de um sistema: os espaços livres públicos de recreação e de conservação em Campo Grande, MS*. 2008. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.16.2008.tde-14012010-150527. Acesso em: 2019-06-14.

Filmografia

Nanook of the North. Direção de Robert Flaherty. Estados Unidos/França: Les Frères Revillon e Pathé Exchange. 78 minutos, 1922. Online. Disponível em: <https://bit.ly/1nEqH8C>

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



Ein Lichtspiel schwarz weiss grau. Direção de Laszlo Moholy-Nagy. Alemanha/União Soviética: Filme independente, 1930, 7 minutos,. Online. Disponível em: <https://bit.ly/1gzB6MH>

Les Magiciens de Wanzerbe. Direção de Jean Rouch. França: Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Comité du film Éthnographique e Jocelyne Rouch, 1948, 33 minutos. Online. Disponível em: <https://bit.ly/2ZobVLd>

Moi, un noir. Direção de Jean Rouch. França: Pierre Braunberger e Roger Felytoux, 73 minutos, 1958, online. Disponível em: <https://bit.ly/2Fc1mmy>

La Pyramide Humaine. Direção de Jean Rouch. França: Les Films de la Pléiade, 90 minutos, 1961. Online. Disponível em: <https://bit.ly/2wVeDeT>

Le Tambours D'Avant. Direção de Jean Rouch. França: Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), Comité du film Éthnographique, 12 minutos, 1971. Online. Disponível em: <https://bit.ly/2IL4gQn>



PROJETAR
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEPÇÃO DO
AMBIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ARQUITETURA E URBANISMO - UFPR



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PLANEJAMENTO URBANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



**UNIVERSIDADE
POSITIVO**